

Feminicídio: Viviane não voltou mais pra casa

Nome GISELE DA SILVA ALMEIDA
(Universidade Federal do Acre / UFAC)

1. INTRODUÇÃO

Ser mulher é um ato de resistência, vencer paradigmas, combater misoginias e preconceitos, lutar por direito, espaços e não ter a voz silenciada. Agora, a situação pode ser mais difícil quando essa mulher vive no Acre. É um desafio diário perigoso, pois está em um dos estados que sempre esteve entre os primeiros colocados com a maior taxa de feminicídio do país, é também um ato de coragem.

Quando a pesquisa a respeito do tema foi apresentada como trabalho de conclusão de curso em 2023, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostrava o Acre na quarta posição como um dos que tem a maior taxa de feminicídio do país – essa medição é feita com base no número de 100 mil mulheres. Dessa forma, o Acre estava 2,6, a mesma taxa do estado de Mato Grosso. Em primeiro lugar se encontra Rondônia com 3,1 e o Mato Grosso do Sul com 2,9.

Segundos os dados mais atuais do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024, o Acre ocupa a 2º lugar nas mais altas taxas de feminicídios - com a taxa de 2,4 mortes por 100 mil habitantes, junto de Rondônia e Tocantis.

Mesmo apresentando sempre taxas elevadas, o ano de 2016 teve a maior com 3,5, era quase o quádruplo da média nacional – a taxa do Brasil era de 0,9. Com base nos estudos do Departamento de Inteligência da Polícia Civil do Estado do Acre, 14 mulheres foram mortas no ano de 2016.

Para seguir com a abordagem sobre o conteúdo é necessário entender o que é feminicídio. O Instituto Patrícia Galvão lançou o livro “Feminicídio #InvisibilidadeMata, que fala a respeito do crime com bastantes características e aborda sobre o histórico dele no Brasil.

Segundo Galvão (2017, p. 10), os homicídios de mulheres em contexto de desigualdades de gênero receberam uma designação: o feminicídio. Além disso, o Brasil o tornou hediondo desde de 2015. É necessário entender que é uma lei recente, mas não é um problema novo, sempre existiram mortes de mulheres por serem mulheres:

Segundo o Código Penal, feminicídio é “o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino”, isto é, quando o crime envolve: “violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. A pena prevista para o homicídio qualificado é de reclusão de 12 a 30 anos. Ao incluir o feminicídio como O que é feminicídio? 13 circunstância qualificadora do homicídio, o crime foi adicionado ao rol dos crimes hediondos (Lei nº 8.072/1990), como o estupro, o genocídio e o latrocínio, entre outros. Foram reconhecidos ainda como causas de aumento da pena em 1/3 o cometimento do crime durante a gestação ou nos três primeiros meses posteriores ao parto, contra menor de 14 anos ou maior de 60 anos de idade, ou de mulher com deficiência, ou, ainda, na presença ascendentes ou descendentes da **vítima (BRASIL, 2015 apud PRADO; SANEMATSU, 2017, p.12).**

Desde o ano de 2015 até julho de 2023, quase 100 mulheres foram mortas por feminicídios, o número exato é de 97 vítimas. Além disso, é necessário lembrar que quando a pesquisa foi iniciada e apresentada como Trabalho de Conclusão, o crime de feminicídio era considerado uma circunstância qualificadora, com a pena máxima de 30 anos, mas de acordo com a nova alteração na lei, o feminicídio começou a ser tratado como crime autônomo, e aumentou para 40 anos o tempo de pena.

A necessidade de escrever o livro-reportagem abordando um caso específico surgiu das observações no jornalismo online e do telejornalismo quando tratado sobre o tema. Não se pode negar o quão importante ele precisa ser trazido nas manchetes, principalmente em um estado em que sofre com esse impasse há anos. Porém, o que se vê nos noticiários são assuntos poucos apurados, delimitados, estereótipos contra as mulheres, mostram mais a voz do autor do crime, não adicionam canais de ajuda.

Reduzir essas mulheres a um corpo morto em um texto que fala mais sobre o autor do que sobre a vítima é também uma forma de as mercantilizar e objetificá-las. Elas passam a servir apenas para preencher espaço em uma página ou garantir mais cliques em um site. O que acaba sendo o foco do jornalismo é noticiar mais um crime, produzir mais um texto, e não discutir a partir do fato a problemática da violência e como este fenômeno atinge pessoas em situação de desigualdade social imposta por uma perspectiva heteronormativa e machista de construção dos papéis de gênero. Da mesma forma, o jornalista e o veículo devem se preocupar em não revitimizar as sobreviventes de episódios de violência de

entrevistas devem ser cuidadosas e não há nenhuma necessidade de fornecer detalhes minuciosos da violência (PRADO; SANEMATSU, 2017, p. 170).

Tendo em vista as maneiras de como são abordadas as matérias de feminicídios na mídia do jornalismo acreano, essa pesquisa decidiu trazer um dos casos de feminicídio que mais repercutiu em Rio Branco, além disso, foi o primeiro julgado por esse crime na capital do Acre. O objetivo foi ouvir mais os familiares, testemunhas, dados atuais, especialistas que pudessem trazer discussões sobre o tema. Até porque o trabalho não tem como intuito apenas mostrar o caso da Keyla Viviane dos Santos, mas também problematizar, entender, apurar e conseguir compreender mais sobre os dados desse impasse no Acre.

2.0 METODOLOGIA

O principal meio de utilização para a realização do trabalho foi a arte da escuta, com base na jornalista, escritora e documentarista, Eliane Brum, aborda nas reportagens em que ela constrói. É de fundamental importância que o repórter entenda que ele precisa saber ouvir, pois assim, existe a grande possibilidade de trazer um bom material escrito. Por isso, que ouvir os personagens para a escrita do livro foi um dos meios que mais ajudou na construção. Entender a maneira e não os interromper quando falavam sobre o assunto.

A reportagem é a arte da escuta. Para Eliane Brum, é muito mais do que ouvir. Por autodefinição mulher esfinge, ela exercita com espero o seu dom de ouvinte, que abrange por ofício a captação do tom e do ritmo das palavras e do silêncio. É o seu jeito de aproveitar ao máximo o privilégio dos repórteres: o de ver primeiro, o de entrar nas casas, o de ouvir narrativas de vidas. (BRUM, 2017, p.10)

Para iniciar a construção do projeto experimental precisei primeiramente conversar com a minha principal fonte do livro-reportagem, o sobrinho da Keyla Viviane dos Santos, Matheus Tavares, para saber se poderia contar com a sua ajuda na realização do projeto. De início ele disse que ajudaria no que fosse preciso para a conclusão do trabalho, mas não iria me dar certeza se as tias, tio, testemunhas, iriam participar também,

pois nunca tinham
ninguém sobre o

dado entrevista para
assunto e também não

era o assunto que gostavam de falar.

O meu primeiro passo foi tentar conseguir os processos do caso, dessa forma pedi que fosse feita uma declaração na coordenação do curso de Jornalismo para que eu pudesse enviar para 1º Vara do Tribunal do Júri da Comarca de Rio Branco. Além de enviar de forma online, também fui presencialmente com o documento em mãos, e pedi que fosse solicitado a magistrada o possível para a escrita do trabalho.

Aguardei por mais de um mês e não obtive respostas, como não tinha muito tempo para a construção, decidi ver a possibilidade de conversar com o máximo de familiares possível para a construção do material. Voltei a conversar com o Matheus Tavares no dia 18 de novembro de 2022, para saber se poderíamos fazer um trabalho de conclusão de curso sobre o caso da tia dele, e de início, ele demonstrou que os familiares não iriam ajudar e somente ele. Mas, ao decorrer dos meses fiquei mandando mais mensagens e tentando fazer com que os parentes aceitassem participar da ideia.

Tavares conseguiu convencer as irmãs da Keyla Viviane dos Santos, a Keite Tavares e Patrícia Kelle, o irmão Jackson Nascimento, o amigo próximo da família que foi o primeiro a ver o corpo dela caído em frente à loja Ok Magazine e uma testemunha que preferiu não se identificar.

Com ajuda do orientador, ele foi me direcionando a organizar melhor o material e como poderia ser 'esqueletado' para o livro-reportagem. Para aprofundar melhor o projeto experimental, busquei os principais meios de dados para discutir o tema de feminicídio no trabalho, como o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Anuário de Indicadores de Violência no Acre do Ministério Público (MPAC), Observatório de Violência de Gênero também do MPAC.

Decidimos então que o livro iria ser iniciado com o assassinato da Keyla Viviane dos Santos, então busquei o máximo de informações nos sites jornalísticos e principalmente com base nas entrevistas para a reconstrução da história.

É importante acrescentar que ao final da escrita do livro retornei à casa dos familiares e li a história antes de ser enviado para a correção do professor orientador. Li a história completa, e eles apontaram alguns erros que estavam no material, devido alguns familiares se equivocarem ou até o áudio que não consegui compreender em determinados momentos. Foram mais de quatro horas na residência deles, escutaram todos os detalhes

e deram o feedback
que iriam tentar

sobre a obra, dizendo
assistir a defesa e

gostariam de ter o material com eles também.

2.1 Projeto Gráfico

Como eu nunca tinha escrito um livro ou até mesmo algo parecido, decidi seguir pela diagramação básica de uma obra. Tendo em vista que a minha ideia era que quando alguém fosse ver o trabalho de conclusão de curso, ela conseguisse identificar que aquilo era um livro.

Por isso que a configuração do trabalho ficou da seguinte forma: logo de início, antes de começar a escrita dos primeiros capítulos, decidi iniciar com a configuração de antemão, para que eu conseguisse perceber a parte estética e também a exata quantidade de páginas que poderia ficar, pois normalmente quando se formata para a estrutura de um livro tem um aumento na quantidade.

Devido a minha familiaridade com o word, decidi que não iria usar um programa, mas ele seria o suficiente. Dessa forma, coloquei o tamanho A5, a largura ficou com 14,8 centímetros e a altura com 21 centímetros. Além disso, as margens personalizadas: superior com 2 centímetros, esquerda com 1,9 centímetros, inferior 2 e direita também 1,9. Logo em seguida, optei pela opção margens com espelhos.

Sobre as páginas extras, em que precisei realizar cinco quebra de páginas, optei por esse processo quando o livro estava próximo de ser finalizado. Mediante a isso, adicionei a capa, página branca, repeti o título do livro e o meu nome completo em um fundo branco, agradecimentos as principais pessoas que me ajudaram na conclusão do trabalho e o sumário com links para facilitar melhor quando o leitor fosse encontrar os capítulos.

Não quis fugir muito do habitual no momento de escolher as fontes, por isso decidi manter Time New Roman no texto, até para que ficasse uma leitura mais agradável e nos títulos com tamanho 16, optei por Arial, pois o destaque precisava ser dado.

4.1 Capa

Após diversas conversas com o meu orientador, decidimos que iríamos usar frases de violência psicológica e moral na capa. Pois, em muitos momentos, diversas mulheres não imaginam a violência que enfrentam dentro da própria casa, pode parecer somente

frases simples ou até
violência contra a

VII ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE JORNALISMO **EREJOR SUL**

“besteiras” ..., mas, a
mulher normalmente

começa de forma sutil na maioria dos casos.

Diversas frases como: “se você me deixar, eu me mato”; “não vai sair sem mim”; você é só minha; “vagabunda”; comigo com essa roupa não sai”; se me denunciar, eu acabo com você”; “você não é nada”; você precisa de uns tapas pra aprender. Apenas exemplos, pois na capa são diversas expressões que se faz com a que mulher se sinta emocionalmente fragilizada.

O título também foi um processo longo e de muitas dúvidas, pois pensamos em muitos deles. Mas até que optamos por “Feminicídio: Viviane não voltou mais pra casa”, pois lembrei das entrevistas, do crime, dos momentos contatos pelos os familiares, que ela sempre tinha um hábito de casa, trabalho e igreja. E sempre quando saía de casa, seu caminho era direto para casa.

Por fim, a escolha dessa imagem também não foi em vão, pois foi usada por muitos jornais e ficou bem conhecida pela mídia. É a foto de perfil em que ela usa na rede social Facebook e possivelmente devido a isso, foi muito utilizada no meio de comunicação. A ideia era trazer essa foto, mas também não fica de forma óbvia, ficasse com traços... um desenho em si. Pois, quem realmente lembrasse do rosto, iria saber que aquela mulher da capa é a Vivi. Não queria colar a foto e deixar por si, mas também chamar mais atenção.



Figura 1: Capa produzida pelo o artista Glauco Copper

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

Produzir a escrita de um livro-reportagem com base no caso da Keyla Viviane dos Santos. Com objetivo de ser mais apurado e trazer mais informações de quem era Keyla, entender sobre o relacionamento que vivia com o feminicida e principalmente ouvir outras pessoas. Ademais, explicar sobre o cenário do feminicídio usando a história dela, trazer os dados dos anos anteriores, conversar com profissionais e estudiosos que tratam do assunto para trazer melhor para o livro esse problema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção desse livro não posso negar que a vontade de continuar pesquisando sobre o tema não vai acabar. O assunto me possibilitou mudar a forma de olhar para o feminicídio, me buscou elaborar matérias melhor sobre o assunto, ajudou a ler melhor os dados no Acre e entender porque nunca saímos dos principais estados com o maior índice de feminicídio do país: “A reportagem sempre fica melhor quando somos surpreendidos, quando ouvimos algo que não planejávamos. É pela escuta que vem o novo”, (BRUM 2008, p. 36).

Tive o privilégio de ouvir os familiares que nunca nem sequer tinham dado alguma entrevista sobre o caso, e sentir a confiança do meu trabalho, foi uns dos presentes na execução desse projeto experimental.

Escolher escrever sobre o caso da Keyla Viviane dos Santos não foi fácil, principalmente quando se entende o quanto de violência ela pode ter enfrentado com o feminicida Adjúnior dos Santos, que achava que tinha ela como posse, que a via como objeto. Como dito no livro-reportagem, ele não a amava e nunca deve ter amado, gostava de como ela era útil, servia e estava sempre ali quando precisava para ajudar nas suas coisas.

A atual conquista dessa pesquisa, foi de poder vencer o Expocom Norte na categoria de livro-reportagem de 2023, organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da
(Intercom). O projeto

**VII ENCONTRO REGIONAL SUL
DE ENSINO DE JORNALISMO**
EREJOR SUL

Comunicação

foi considerado o

melhor livro-reportagem da Região Norte, e ficou entre os finalistas do melhor do país.

5.0 REFERÊNCIA

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. [S. l.: s. n.], 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. [S. l.: s. n.], 2009.

MENDES, Francielle. As vestes do romance no livro-reportagem: um estudo da obra rota 66. In: MENDES, Francielle; QUEIRÓS, Franciso Aquinei Timóteo; SILVA, Wagner Costa. **Pesquisa em Comunicação: Registros, Olhares e Narrativas**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em:

https://www.academia.edu/66827005/Pesquisa_em_comunica%C3%A7%C3%A3o_registros_olhares_e_narrativas. Acesso em: 22 ago. 2023.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO (org.). **Feminicídio #InvisibilidadeMata**. [S. l.: s. n.], 2017.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial LTDA., 2008. 373 p.

MPAC, Agência de Notícias. **MPAC divulga infográfico sobre feminicídios no Acre**. Rio Branco, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.mpac.mp.br/mpac-divulga-infografico-sobre-feminicidios-no-acre/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ACRE, Ministério Público do. Mulheres Vivas: Femicídio é evitável: Um estudo da violência letal contra mulheres por serem mulheres. Realidades, [S. l.], p. 26-47, 19 maio 2023. Disponível em: <file:///C:/Users/Gisele%20almeida/Desktop/Trabalho%20Conclus%C3%A3o/Referencias%20para%20o%20estudo/Sobre%20feminc%C3%ADdio/Realidades-Segunda-Edicao-2023.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. Homicídios de mulheres e feminicídios

(1) Brasil e Unidades da Federação – 2021-2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2023.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018. Homicídios de mulheres e feminicídios

(1) Brasil e Unidades da Federação – 2016-2017. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-Pu%C3%Blica-2018.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2023.

Anuário Brasileiro
Pública 2019.

VII ENCONTRO REGIONAL SUL
DE ENSINO DE JORNALISMO
EREJOR SUL

de Segurança
Homicídios de

mulheres e feminicídios (1) Brasil e Unidades da Federação – 2017-2018. Disponível em:
https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em: 15 agosto 2023.

Relatório de Informações de Indicadores Prioritários de Violência e Criminalidade.
Período: 2004 a 2015. Disponível: [Relatório de Indicadores de violência e criminalidade no Estado do Acre \(mpac.mp.br\)](#). Acesso em: 15 agosto 2023

Relatório de Informações de Indicadores Prioritários de Violência e Criminalidade.
Período: 2005 a 2016. Disponível em: [Microsoft Word - Anuario_MPE_2017_FINAL.docx \(mpac.mp.br\)](#). Acesso em: 15 agosto 2023.

Relatório de Informações de Indicadores Prioritários de Violência e Criminalidade.
Período de 2006 a 2017. Disponível em: [Relatório Anual de Indicadores de violência e criminalidade no Estado do Acre \(mpac.mp.br\)](#). Acesso em: 15 agosto 2023.

Relatório de Informações de Indicadores Prioritários de Violência e Criminalidade.
Período de 2007 a 2019. Disponível em: [Relatório Anual de Indicadores de violência e criminalidade no Estado do Acre \(mpac.mp.br\)](#). Acesso em: 15 agosto 2023.

HISTÓRIA MAL CONTADA: os feminicídios na cobertura jornalística – Videodocumentário. **Vídeo.** 27min 21s. Publicado pelo canal Grupo Transverso. 15 de abril. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=puwlnRp1HWE>. Acesso em: 15 de ago. 2023.

MENEZES, Renato. PROJETO EXPERIMENTAL – CRIME DA MOTOSSERRA: Uma mancha de sangue na história do Acre. Rio Branco, AC: 2022.

BRASIL. Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015. Dispõe prever o feminicídio como qualificadora do crime do homicídio. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015.

Francisco Aquinei Timóteo Queirós

Francisco Aquinei Timóteo Queirós